

A GESTÃO QUE TEMOS E A GESTÃO QUE QUEREMOS: UMA REFLEXÃO BASEADA EM PAULO FREIRE ¹

Marilene Espanhol ²
Lorena Inês Peterini Marquezan ³

Este ensaio tem como objetivo principal fazer uma reflexão a respeito de como os educadores de hoje estão reconstruindo os conceitos que fazem parte de suas práticas cotidianas ao terem como norte a Gestão Democrática. Fala das dificuldades em reinventarmos a escola e ao mesmo tempo, da coragem e persistência dos(as) professores(as) que, apesar das adversidades impostas à profissão de professor, superam-se, buscando alternativas para terem acesso à formação continuada, refazem-se e se comprometem com o processo de mudança social. Trata da importância de oportunizar aos professores espaços de reflexão para que percebam a carga cultural lhes imposta, que repensem as relações que estão estabelecendo com a sua história e se sintam responsáveis pela cultura que estão criando; que percebam as incoerências, entraves e distorções, presentes nos conceitos e ações que colocam como essenciais nos espaços educacionais. Fala do nosso dever em buscar, cada vez mais, um distanciamento menor entre o que temos como projeto e o que temos como prática em nosso cotidiano e a maneira de percebê-los através do diálogo, embasados nos escritos de Paulo Freire.

Palavras-chave: Formação-continuada, Gestão Democrática, Paulo Freire.

1. Introdução:

Sabemos do descompasso existente entre a mudança proporcionada pela tecnologia e a mudança educacional que envolve conceitos que são apreendidos ao longo dos anos pelas vivências e relações com que cada pessoa estabelece com a sua cultura, com a sociedade, com sua história e com o próprio avanço que acontece em decorrência do avanço tecnológico, que modifica nossos hábitos e tradições históricas e culturais.

Entendemos, que diferentemente do acelerado crescimento tecnológico e de suas influências em nossa sociedade, de quão lentos são apreendidos os conceitos necessários para que a verdadeira mudança ocorra, para que aconteça a “reinvenção da sociedade” (Freire,2000,p.42).

Este é o nosso tempo. Tempo de estarmos entre a tecnologia de ponta e a miséria; de falarmos em democracia e muitas vezes não admitirmos a participação da comunidade escolar; de querermos a participação e, por vezes, coibirmos, manipularmos e limitarmos as várias formas de expressão dos alunos, pais, professores, funcionários e demais pessoas envolvidas com a escola; de falarmos em gestão e admitirmos, na maioria das vezes, apenas o diretor como gestor; de tantos educadores não terem acesso ao computador na era da informática; de contestarmos os grandes corruptos e não nos admitirmos também fazedores da corrupção; de divulgarmos a solidariedade em nossas salas de aula e não nos envolvermos com os problemas que envolvem os alunos, a escola e a comunidade; de falarmos em gestão democrática e não percebermos o discurso e as ações autoritárias ainda presentes em nosso cotidiano.

Com este trabalho queremos nos aproximar das maneiras como estão sendo construídos os conceitos que permeiam nossas práticas. Falaremos da importância de oportunizar aos professores espaços de reflexão para que percebam a carga cultural a nós imposta, para que repensem as relações que estão estabelecendo com a sua história e se sintam responsáveis pela cultura que estão criando. Desejamos que percebam as incoerências e as distorções, que são históricas, presentes nos conceitos e ações que colocam como essenciais nos espaços educacionais. Destaca-se assim nosso anseio em

¹ Título da Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria.

² Autora

³ Orientadora

buscar cada vez mais um distanciamento menor entre o que temos como projeto e o que temos como prática.

Portanto, entendendo este trabalho numa visão ampla onde questionamos ações que estão presentes dentro e fora das instituições de ensino, fizemos um recorte, utilizando a pesquisa Etnográfica com ênfase fenomenológica a respeito de como estamos construindo nossos conhecimentos hoje na formação continuada, os entraves e as distorções ao elegermos a Gestão Democrática como nosso norte. Ilustramos nossos questionamentos fazendo uma reflexão a respeito das relações que estão estabelecendo e das construções que estão sendo feitas por cinco alunas que freqüentaram o curso de Especialização em Gestão Educacional na Universidade Federal de Santa Maria em 2002 e 2003, como parte de sua formação continuada, através de um questionário, conversas, visitas e análise dos objetivos gerais e específicos do referido curso. Esse questionário e as conversas com as cinco professoras foram feitos depois de elas terem defendido suas monografias de final de curso.

Por isso, faz-se necessária a reflexão sobre as construções que os professores estão fazendo, refazendo e experienciando no curso de Especialização em Gestão Educacional; as relações que estão estabelecendo uns com os outros; a cultura que estão ajudando a construir; a riqueza de experiência, de cultura e história que chega com cada professor e a maneira como compartilham essas experiências, refazendo-se enquanto educadores, percebendo as incoerências presentes em seus discursos e práticas. O quanto ensinam e o quanto aprendem uns com os outros.

Analisar-se-ão as possibilidades e limites da educação em nossas inter-relações nos dias de hoje, suas construções culturais e as maneiras como os espaços educativos estão se recriando ao ter como norte a gestão democrática, embasando nossas reflexões nos escritos de Paulo Freire. E, sob este olhar, refletimos a respeito da formação continuada dos(as) professores(as), a cultura que os(as) envolve, a busca pela conquista do diálogo, com o qual recriaremos nossos atos educativos mais compromissadamente, levando-nos a perceber a incoerência presente no discurso da gestão democrática em nossas ações cotidianas.

Paulo Freire, ao refutar o fatalismo neoliberal e ampliar nossa percepção do mundo, reafirmou seu amor pela humanidade e a necessária busca em humanizarmos o mundo para irmos também nos humanizando. Trata-se de um educador que, ao desenvolver uma teoria crítica e utópica, coloca em cada um de nós a responsabilidade e a esperança de, ao sermos históricos, podermos interferir em nossa sociedade compromissando-nos com o processo de mudança social. Percebemos assim, a importância de observarmos mais atentamente o nosso cotidiano, a maneira como estamos nos construindo e o que nos construiu, para percebermos as distorções que se apresentam não só nas salas de aula, mas nos corredores, na atenção, carinho e cuidado, no comprometimento dentro e fora das escolas. No livro “Esta escola chamada vida”, Freire, ao dialogar com Frei Beto, coloca: “De fato, pensar a prática de hoje não é apenas um caminho eficiente para melhorar a prática de amanhã, mas também a forma eficaz de aprender a pensar certo.” (Freire, 1987, p.09)

Este trabalho vem no intuito desta aproximação, por isso, ao fazermos a reflexão final, consideraremos como parte integrante deste ensaio estudos feitos sobre Paulo Freire, o questionário feito a cinco alunas formadas em 2003 no Curso de Especialização em Gestão Educacional da UFSM, o diálogo estabelecido com as educadoras e a análise dos Objetivos Gerais e Específicos do Projeto Político Pedagógico deste curso. Da mesma forma, serão consideradas minha experiência pessoal, minhas reflexões enquanto educadora, pois, por mais que sejam feitos recortes para a delimitação do tema proposto, minha visão de mundo, minhas indagações, minha experiência, meus sonhos, são trazidos para este trabalho, ao fazer as escolhas do tema, dos autores, das palavras.

2. Formação continuada de professores e professoras, para buscar o diálogo e conquistar a Gestão Democrática:

Sabemos o quanto cada espaço educacional, ao ser organizado, já inicia carregado pela história, cultura, subjetividades e visões de mundo de todas as pessoas que

o compõem. Esses valores farão, inegavelmente, parte do currículo, talvez, até mesmo, reproduzindo impensadamente valores de uma geração massacrada pela ditadura, ou, que traga ainda raízes de conceitos tão violentamente plantados pelas guerras que atingiram nossos antepassados no século anterior. Muitos medos, traumas, neuroses, ditos, crias deste tempo ainda povoam nossas escolas e se fazem tão presentes que, por vezes, até esquecemos suas origens, que permanecem encravados em nossa cultura sem nos darmos conta de seus prejuízos para nossa verdadeira autonomia.

É necessário serem desvendadas essas verdades, ou melhor, é necessário que cada vez mais nos aproximemos de nossa história, de nossa cultura, da realidade que circunda e abraça toda a comunidade escolar e/ou espaços educacionais, para que o(a) professor(a) se conscientize do valor de ser comprometido(a) com sua própria história e com a história na qual está inserido(a), para que enfrente as mudanças aceitando-as como parte de sua vida e da vida de suas instituições.

O aprendizado contínuo, rigoroso, curioso e comprometido é essencial em nossa profissão, assim como é essencial construir, em comunhão com o outro, alternativas de trabalho diferenciado para a complexa situação educacional presente nos dias de hoje.

Precisamos criar uma cultura onde os canais de comunicação estejam sempre abertos, onde a experiência, a reelaboração e a pesquisa façam parte da rotina de nossas escolas. Para isso, é necessário que os cursos de formação, formação continuada e escolas, proporcionem espaços efetivos de diálogo, de reflexão e de pesquisa, valorizando as pessoas que lá estão, suas vivências, suas dúvidas e conquistas, superando as limitações de um conhecimento parcelado, fragmentado e descomprometido com os problemas concretos do ser humano e dos educadores.

Por isso a necessária fundamentação nos escritos de Paulo Freire, do quanto sua teoria tem a ver com os educadores e educadoras oprimidos e oprimidas de hoje, que tentam se encontrar, redescobrimo-nos em sua própria prática em meio a tantas modificações que estão acontecendo, as quais interferem em suas vidas, em sua cultura, em sua vontade de pensar, de querer, de fazer e refazer a educação dentro dos espaços em que atuam. Esse acúmulo de mudanças que força os(as) professores(as) a agir de forma diferenciada lhes traz um desgaste muito grande, pois nem eles, sabem ao certo de que maneira reconstruir a sua prática, ao mesmo tempo em que lhes é cobrada uma postura mais dinâmica da sociedade.

Estamos hoje, há mais de trinta anos dos escritos de Paulo Freire sobre a conscientização e politização do oprimido e, mesmo sabendo que o contexto em que ele se encontrava era diferente do contexto hoje apresentado, muito temos a aprender com esse educador, reconhecido mundialmente e pouco conhecido por nós, brasileiros, que fomos, também, a inspiração para seus estudos e escritos.

Quando Paulo Freire diz que os métodos de opressão não podem, contraditoriamente, servir à libertação do oprimido (1970,p.38), questiono-me sobre os espaços de diálogo tão limitados ainda em nossas escolas, cursos de formação e formação continuada, questiono-me sobre o atropelo do cotidiano e a burocratização, que distanciam as pessoas umas das outras.

O homem oprimido que Paulo Freire descreve em 1968 continua a existir, em um espaço e tempo diferenciados, a buscar a sua autonomia, a buscar a sua libertação, a buscar sua humanidade roubada. Moacir Gadotti, em uma das biografias feitas de Paulo Freire, publicada no site do Instituto Paulo Freire, diz que “Não pode estar superada a pedagogia do oprimido enquanto existirem oprimidos”.

Quem são os homens e mulheres oprimidos e oprimidas de hoje? De que maneira a opressão se revela em nossas famílias, em nossas escolas, em nossa sociedade e em nossa cultura? Que valores opressivos aprendemos e ensinamos sem nos darmos conta em nosso dia-a-dia? Quais são as formas de opressão, vivenciadas pelos educadores de hoje? De que maneira estamos reaprendendo nossas práticas ao termos como norte a gestão democrática?

Ao percebermos a nossa inconclusão, nosso condicionamento, nossa limitação, descobrimo-nos como refazedores constantes da cultura e da história, saberemos que

somos capazes de, através de nossas práticas, interferir na cultura, na história, em nosso grupo de trabalho, em nossa comunidade, em busca de espaços de convivência mais humanos. Como exemplo, temos a história de vida de Paulo Freire, que, com sua coerência, persistência e compromisso, fez a diferença, acreditou na possibilidade de mudança, refez-se em cada livro, ampliando olhares, refazendo ou defendendo sua teoria de libertação das gentes.

Temos uma história de opressão, ideologicamente entranhada em nossos corpos, temos nossa soberania desconsiderada diante da nova norma global que manipula as políticas públicas, transformando a educação em mecanismo a favor do lucro e não da humanidade. Temos a mídia propagando melhorias paliativas e homogêneas, dando a entender que quer que a mudança ocorra. Mas, temos também, professores e professoras que são exemplos vivos de quão responsável, compromissada, rigorosa, prazerosa, persistente e humana a educação pode ser. Por isso, a importância de os professores(as) buscarem o diálogo e a formação continuada constantemente, para que, ao terem a consciência de mundo, viabilizadora da consciência do professor(a) no mundo, possam se refazer, não passando para seus alunos(as) os conceitos opressivos.

Contudo, continuo a me questionar: de que forma poderemos gestar a educação democrática e compromissadamente, se não possuímos em nossas escolas espaços efetivos de diálogo? De que maneira poderemos construir uma educação, preparada para as complexidades educacionais de hoje, se não paramos para refletir sobre nossas práticas, percebendo os valores que estão “encravados” nela e na sociedade que se movimenta para o consumo e para a competição? É esta a educação que queremos?

Sem dúvida, um espaço de reflexão, de fundamentação teórica e reelaboração de conceitos não finda com a aquisição de um diploma. Os educadores e as educadoras devem buscar constantemente esses espaços. Em Educação na cidade (2000,p.103), Paulo Freire nos diz que o professor tem o dever de “reviver”, de “renascer” a cada momento de sua prática docente.

Por isso, é urgente que os educadores reconquistem o que Freire fala sobre “dizer a palavra”, que tenham a coragem e a valentia de serem verdadeiros, de serem autênticos, de refletirem sobre seus atos em comunhão com os outros, de crescerem na ação-reflexão.

Vemos, atualmente, a ênfase dada à formação de professores e professoras como forma de perceberem os valores históricos, sociais, políticos e culturais incutidos em suas práticas e vivências, para tomarem consciência dos valores que os cercam e cercam os demais que convivem junto a eles e elas.

Segundo Paulo Freire, no livro Educação na Cidade, não nascemos educadores ou educadoras, vamos nos construindo assim, através de nossa convivência. “[...] ninguém nasce educador, ninguém nasce médico ou engenheiro ou professor. A gente vai se fazendo médico, professor ou engenheiro.” (1991,p.99)

Com esse “ir se construindo”, devemos perceber que nossa formação não se dá nos cursos oficiais que freqüentamos, mas sim nas suas inter-relações estabelecidas dentro do curso e fora dele, em nosso cotidiano. Devemos perceber o quanto estamos nos formando professores e professoras em nossa convivência, com nossos alunos, com nossos colegas, com os funcionários, com a comunidade em que a escola está inserida, e com cada pessoa, fato, evento com que nos relacionamos direta ou indiretamente.

É imprescindível que o professor e a professora se dêem conta, de que, ao se posicionarem em uma conversa, em um curso, estão formando outros, que, ao não se expressarem, também estarão formando outros. É importante que percebam a importância de suas ações e não-ações, pois, através delas, também estarão formando outros; que percebam a importância do ‘discurso do corpo’ (1991,p.123), as feições do rosto, os gestos, que, para Paulo Freire, além de serem mais fortes que a própria oralidade, põem por terra, quando praticada de forma autoritária, o discurso democrático dito e redito.

Daí a vigilância e a exigência dos professores serem cada vez mais críticos, atentos e curiosos quanto ao currículo oculto que, por vezes, é mais forte que o explícito na sua concretização. Paulo Freire afirma que uma das mais importantes tarefas da formação

permanente de professores e professoras deverá ser a de “convidá-los a pensar criticamente sobre o que fazem” (1991,p.123). Salienta a importância em pensar a prática, em pensar sobre o que fazemos e a maneira como fazemos, por isso sua ênfase na busca pela coerência entre a teoria e a prática, pois, através dela, perceberemos a ideologia autoritária que está enraizada em nossas tradições histórico-culturais e políticas de nossa sociedade.

A mudança na escola em busca da gestão democrática há de ser uma mudança onde, através do diálogo, os professores apreendam, em comunhão com os demais, a participarem da escola, a problematizarem, de maneira responsável e compromissadamente, quebrando uma cadeia a nós imposta historicamente, tão contestada e chamada por Paulo Freire de educação bancária, que, ao negar o diálogo como essência da educação, faz-se “antidialógica” (Freire,1970,p.78).

Freire é incansável ao dizer e redizer em seus escritos o quanto é importante a nossa coerência e o nosso compromisso na busca de um distanciamento cada vez menor entre nossa teoria e a nossa prática. Em Educação na Cidade diz que “Não é fácil participar de uma luta permanente contra preconceitos de há muito ‘habitando’ nosso corpo, fazendo-o mover-se de acordo com eles” (1991,p.122).

Paulo Freire não negava as limitações da educação para realizar a grande transformação social necessária. Reconhecia os limites da educação, mas afirmava as possibilidades de se conseguir coisas importantes no espaço escolar, para ajudar na mudança da sociedade. Coloca a mudança como um “que fazer educativo em si mesmas” (1991,p.126). Ao dizer que a escola não pode tudo, mas pode sim fazer alguma coisa, que é reflexiva e não apenas refletora da sociedade, Paulo Freire afirma no livro Educação na Cidade, que: “[...] uma das tarefas em cujo cumprimento a educação pode hoje nos ajudar é a de fazer mais consistente o nosso processo democrático.” (1991,p.126).

Por isso este grande compromisso dos educadores de hoje de implementar a gestão democrática em suas escolas, de chamar toda a comunidade escolar a dialogar e a participar nas gestões escolares, a construir, juntos com os demais envolvidos, projetos, estratégias de ação, formas de repensar a realidade, as relações de poder, de criar e recriar nossos/novos espaços de convivência, incentivando o envolvimento e a responsabilidade de todos para refletir sobre nossa prática, sobre o nosso cotidiano, de maneira que estejamos conscientes da incerteza do amanhã, da carga cultural que estamos ajudando a construir hoje, agora, a cada ato nosso.

3. Refletindo a conversa e as escritas das professoras:

A escola de hoje, apesar das constantes mudanças a ela imposta, do movimento existente que a faz contribuir para uma sociedade mais democrática, composta por pessoas capazes de exercerem sua cidadania de maneira crítica e responsável e que se comprometam com o processo de mudança da comunidade escolar, enfrenta dificuldades em alcançar os seus objetivos.

A mudança que se quer na escola, como vemos, não acontece somente com a mudança das leis, decretos e resoluções. Os conceitos não são apreendidos através das legislações, são apreendidos através de nossas vivências, de nossa cultura, de nossas tradições sociais e históricas. Por isso, a importância dessa “aventura docente” (Freire, 1996,p.153), de nos comprometermos com um projeto de escola mais humano, de nos construirmos também para sermos, mais tolerantes, solidários, críticos, alegres, curiosos, esperançosos e mais disponíveis ao diálogo.

Ao conversar com uma das professoras, na entrega do questionário, sobre as reflexões a serem feitas nesta monografia, enquanto me mostrava a escola, falava da importância de estarem sendo feitos trabalhos que priorizem as relações humanas. Falou do quanto a afetividade é necessária para que a aprendizagem aconteça, e foi enfática ao dizer: “*as crianças se negam a aprender se não estiverem envolvidas afetivamente*”.

Ao mesmo tempo em que prestigiamos tanto a afetividade com os alunos, esquecemos de olhar quem faz com que as relações afetivas de fato aconteçam na sala de aula com os alunos. Nós, seres humanos, temos uma necessidade, de sermos amados,

respeitados, cuidados, lembrados e valorizados pelo que fazemos. Além deste encanto de ensinar e aprender constante, mostrado nas conversas e questionários, além do compromisso ético e do rigor que tem consciência ser um imperativo em sua profissão, o professor não pode ser coisificado e ser tratado como um mero executor de tarefas pré-determinadas.

É curioso como os espaços educacionais em geral, gestados, projetados, e organizados de forma tão carinhosa esquecem as pessoas que dentro dele irão conduzir as atividades, educar as crianças e todos os demais que lá se inter-relacionam. É estranho que, nesses espaços, não se questione sobre seus(as) professores(as), do porquê de sua existência ser da forma que é, não dê tempo ao professor e à professora de parar para repensar seus atos, sua história e a história da educação, para tomarem consciência de sua importância no processo de mudança social.

As educadoras, desconhecidas até então por mim, e que foram convidadas a participar de uma reflexão a respeito do Curso de Gestão Educacional, também deixaram marcas, não só no questionário respondido, mas também na maneira de como me receberam em suas casas e escola. Isso, por certo, foi muito mais significativo que os próprios questionários preenchidos. A marca que fica é o diálogo a ser lembrado; esta é a experiência que “reconstrói” a história e faz a diferença.

Na teoria de Paulo Freire, notamos uma preocupação constante com a humanidade, com o discurso do corpo, com o currículo oculto. Ele afirmava o quanto precisávamos percebê-los em nosso cotidiano, buscando sempre a necessária coerência entre o nosso discurso e as nossas ações. Por isso, o cuidado em aqui descrevermos as relações que envolveram a coleta de dados, o desprendimento, o compromisso, a vontade de colaborar, de querer ajudar destas educadoras, que, mesmo sem me conhecer, receberam-me e propuseram sugestões ao projeto e ao curso, e colocaram à disposição. Elas envolveram sua escola e família para me auxiliar em uma reflexão a qual não tinham obrigação nenhuma de fazer, mostrando, assim, sua solidariedade compromissada, não só com o questionário e a pesquisadora, mas com a educação e a sua mudança, e, depois de muitas folhas que escreviam, ainda colocavam: *“Não foi possível digitar ou passar a limpo”, “Espero ter contribuído com sua pesquisa. Meu tempo é curto, lamento não ter melhores contribuições. Um grande abraço.”*

Essas são marcas preciosas, marcas destas educadoras mencionadas, que, magicamente, reinventam o “ser educadora” num tempo onde o diálogo não é valorizado e preservado da maneira como deveria ser. Estamos num tempo onde a correria faz, por vezes, a opção pelo compromisso com a mudança pesar tanto sobre nossas costas, que mal o suportamos. Com a atitude dessas educadoras me pergunto: Se apreendemos os valores através das experiências, da convivência, que valores de solidariedade, de amizade, de cooperação, de compromisso social elas estariam passando para seus alunos, para seus colegas, para os demais componentes da comunidade escolar e demais pessoas com quem convivem?

Por certo, essas professoras são educadoras que fazem a diferença. Ao não se utilizarem da impossível neutralidade do discurso fatalista, onde nada poderiam fazer para modificar este mundo e as histórias onde convivem, posicionam-se a favor do comprometimento com a humanização do mundo e com a educação. Não existe a neutralidade, Paulo Freire reforçou esse dizer em cada livro editado. Por isso, sabe-se que o professor que se fecha em seu casulo, não dialogando com os demais, negando-se a ensinar e aprender, está se descompromissando com a comunidade escolar, com a sociedade como um todo, está se desumanizando, por isso, não está sendo neutro, está se posicionando a favor da continuidade das injustiças existentes e, o pior, está sendo um exemplo, está fazendo cultura, está indo de encontro às maiores utopias educacionais de nossa época, que é a conquista da democracia, do compromisso solidário, e do exercício consciente da cidadania.

Quando questionadas do por quê procurarem o Curso de Especialização em Gestão Educacional, responderam de maneira unânime: ***“Porque senti necessidade de buscar novos conhecimentos para ressignificar a prática educativa. No exercício das***

atividades docentes percebo a importância da teoria que vem embasar as experiências vividas.”

“Pelo fato do curso abranger formação continuada, e ter uma visão mais ampla em termos de organização, e de como a escola desvela seu funcionamento interno e ao mesmo tempo as adoções propostas, políticas e educacionais, existência e o funcionamento dos colegiados escolares e ter melhor conhecimento da estrutura geral que já estão sendo adotadas por Gestores Educacionais.”

Por isso a importância destes curso e outros espaços de formação continuada, por proporcionarem a re-criação, a re-construção, o diálogo. E me pergunto: Qual o tempo de reflexão dado aos professores hoje?

No questionário proposto às educadoras, quanto às características necessárias para que um grupo de fato consiga “gestar” a educação democraticamente e ter uma boa convivência, estas colocam: **“Ter visão da escola inserida em sua comunidade, a médio, longo prazo, com horizontes largos[...]. Relações intra e interpessoais, pois a sociedade está em profunda e avançada transformação e percebo que na maioria das vezes com as mudanças em todos os segmentos da sociedade surgem novos parâmetros, valores e modelos a serem seguidos. E frente a essas mudanças, aos avanços científicos e tecnológicos, a grande competitividade e a globalização a escola precisa repensar sua função em relação a uma boa convivência de seu corpo docente. Esta grande competitividade deixa a desejar a afetividade, harmonia, solidariedade e muitas vezes a ética, sendo esses pressupostos básicos para uma boa convivência. A falta dessas relações afetivas e harmoniosas compromete o quadro docente e vindo muitas vezes refletir no aluno.”**

“Abertura, criatividade, dinamismo, articulador de diálogo, que saiba lidar com a diversidade, parceiro, afetividade, receptível, amigável, compreensão, entendimento, reflexão, companheirismo.”

“Aprendizagem, estudo, coleguismo e respeito.”

As educadoras colocam a elaboração da monografia como um momento onde a aprendizagem e a reelaboração do conhecimento aconteceram de fato ao refletirem a prática. Citam também: os seminários acontecidos durante as aulas como momentos importantes na reelaboração do conhecimento, os trabalhos em grupo que proporcionaram o surgimento de novas amizades e uma maior aproximação e aprendizado com o colega.

Quando questionadas a respeito do que fez o curso valer a pena, novamente citam a elaboração da monografia. Colocam também, a troca de nível no plano de carreira, o aprofundamento teórico através das referências bibliográficas que os professores sugeriram e, as abordagens de temas polêmicos e atuais que versaram sobre as competências do profissional docente enquanto gestor escolar.

Quanto às sugestões dadas por estas educadoras ao Curso de Especialização Educacional em Gestão Educacional da UFSM, para que proporcione canais de comunicação mais compatíveis com a complexidade do momento educacional, elas citam:

- Que o curso seja desenvolvido de forma interdisciplinar embasado numa filosofia humanística;

- Que haja interação da UFSM com as escolas para subsidiar as mesmas diante das perspectivas de atualização dos profissionais da educação;

- Definir melhor os objetivos do Curso e a formação que proporciona;;

- Oferecer atendimento pedagógico às escolas públicas através de estágio e dos projetos de pesquisa;

- Proporcionar e valorizar momentos de troca de experiências;

- Proporcionar maior entrosamento através das atividades pedagógicas;

- Maior coerência entre a teoria e a prática;

- Estabelecer novas interações entre os gestores da instituição de Ensino Superior, os coordenadores do curso e os professores;

- Articulação de grupos interdisciplinares;

- Definição de novas funções para os professores-formadores e os alunos;

- **Incentivo aos alunos usarem e adotarem a pesquisa na sala de aula, como a metodologia de aprender fazer-fazendo;**
- **Formação de grupos de estudos sobre a formação e a prática pedagógica, assim como dos diversos assuntos relacionados com a educação;**
- **Valorização da ação educativa;**
- **Elaboração de projetos de formação inicial e continuada para os formadores e para os alunos;**
- **Colaboração para a construção da Pedagogia como Ciência;**
- **Participação nas discussões sobre o código de ética da profissão e atuação nos debates sobre a profissão do professor.**

4 – Considerações Finais:

Somos produtores culturais e aprendemos e ensinamos através da relação que com a cultura estabelecemos em nossa história, em nosso tempo, em nosso cotidiano e em nossa convivência. Por isso nossa responsabilidade ética, compromisso e rigor para nos assumirmos como sujeitos e não como objetos do processo de humanização das gentes. Devemos olhar de maneira crítica o nosso cotidiano, para enxergarmos nele as distorções entre o nosso discurso e a nossa prática e, de maneira vigorosa, intervirmos, pois essa é, segundo Paulo Freire, nossa “vocação ontológica” (Freire, 1989, p.57).

É preciso que tenhamos a coragem de, ao refletir sobre o nosso cotidiano e perceber as distorções ainda existentes nas gestões democráticas, em nossas ações e nos conceitos trabalhados em nosso dia-a-dia, recriar nossos atos educativos e humanos compromissadamente. Devemos ir nos construindo democraticamente em nossas práticas.

Por isso, os conceitos de cidadania, de solidariedade, de justiça, de respeito às diferenças, de participação e de democracia necessitam ser trabalhados em nossas inter-relações diárias, pois estão implícitos nas ações de cada um de nós.

É necessário que nos demos conta das muitas maneiras de oprimirmos em nossas relações, de cometermos injustiças e ações antidemocráticas; que nos percebamos também protagonistas da corrupção, guiados pelo mais prático, mais fácil, mais conveniente e mais benéfico; que, por vezes, nos percebamos continuadores do discurso preconceituoso e autoritário. É necessária a indignação, capaz de reconstruir nossos conceitos e práticas, e o ato de nos propormos a mudança necessária. Paulo freire diz, em Pedagogia do Oprimido: “[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.” (1970, p.79).

Sendo o Curso de Gestão Educacional um espaço dinamizador, pois interagem nele educadores de várias escolas e especialidades, um espaço onde busca-se também a reconstrução, um espaço privilegiado, onde os educadores se re-fazem em seus questionamentos, conhecem outras realidades, é necessário que se valorize cada vez mais suas vivências e o contexto das escolas onde os educadores atuam.

A riqueza presente nas experiências vivenciadas por cada educador é valiosas para si próprio - no momento em que o processo de reflexão oportuniza um entendimento do que aconteceu, o que gerou aquela situação e provoca uma reelaboração - e também para os demais, que, ao compartilharem desse momento de reflexão, crescem em comunhão. Juntos, recriam seus atos educativos, humanos.

Espero que os(as) professores(as) possam ver no curso uma maneira diferenciada de exercerem sua profissão; não para copiarem, mas para experienciarem novas maneiras de ser educando e educador, para re-criarem, crescendo em comunhão com os demais para, cada vez mais, estarem certos de que os espaços educativos comprometidos, solidários e democráticos são espaços possíveis.

Desejo que consigamos, através do diálogo proposto por Paulo Freire, estar atentos às distorções ainda presentes em nosso cotidiano no que se refere à gestão democrática; que possamos buscar o entendimento de nossas construções; que possamos recriar nossos conceitos e práticas em comunhão com o outro, valorizando o nosso próprio esforço em tentar a mudança e valorizando as experiências de vida, e os processos constitutivos de quem conosco se relaciona, como se nossos fossem.

Por certo, os questionamentos e as reflexões que aqui fiz, baseados principalmente nas obras de Paulo Freire, comunicam-se, com minhas recordações, com minhas experiências, com as maneiras de construir as relações, os sentimentos, de reagir às perdas, de “batalhar”. Não há como ser imune às vivências, à cultura, aos muitos professores que por mim passaram e aos meus valores familiares. Não há como desconstruir as imagens que tenho da escola que frequentei, e dos espaços educacionais que ajudo a construir hoje, através de minha prática, pois são parte de mim. Há sim, que recriá-la, refletindo sobre as nossas lembranças, sobre nossas memórias, sobre os atos e fatos que marcaram nossa constituição quanto seres humanos e educadores.

Os modelos que temos internalizados em nosso imaginário são modelos construídos em nossas experiências e vivências da escola, dos alunos(as), do grupo a que queremos pertencer, são modelos que ajudam a nos construir enquanto pessoa e educadora, e que necessitam ser pensados e repensados, que devem fazer parte de nossos questionamentos educacionais cotidianos. Há perguntas que precisamos ter a coragem de fazer: Que verdades se encontram por detrás de nossas práticas, de nosso cotidiano? Há perguntas sobre as quais precisamos refletir, as quais precisamos responder e fundamentar a todos e a todas: Que inter-relações, que valores de convivência queremos gestar?

É preciso que o rigor científico, e os atos de reflexão possam proporcionar aos educadores (as) a percepção do quão distante nossas práticas ainda estão de nossos discursos. É de suma importância podermos identificar, em nossos discursos, em nossas falas de corredor a herança autoritária, licenciada e preconceituosa presente em nosso cotidiano. Da mesma forma, devemos identificar e assumir pequenos atos corruptivos em nossas ações, devemos nos assumir em nossas atitudes antidemocráticas e opressivas.

A mudança, por mais difícil que seja, deverá começar em cada um de nós, em nosso engajamento, em nosso compromisso, em nossa responsabilidade ao, em fazendo parte de um grupo, interferirmos em sua cultura, em sua história, sem licenciabilidade e sem autoritarismo. Devemos nos perguntar sempre: que cultura, que história estamos ajudando a construir? Quais foram minhas contribuições no processo de tomada de consciência da gestão democrática?

Desejamos uma cultura que saiba dos problemas a enfrentar, mas que saiba também que podemos, refletindo sobre as circunstâncias que a tornaram assim e suas relações de poder e opressão, tornarmo-nos mais conscientes e comprometidos em busca de nossa utopia - de termos como opção da gestão educacional a gestão democrática - e buscá-la em favor da libertação das gentes, do ser humano e de sua humanidade.

O diálogo preconizado por Freire é a maneira de nos fazermos mais comprometidos(as) na formação continuada, de recriarmos nosso ser-humano-educador(a), de diminuirmos, cada vez mais, a distância entre a gestão que hoje temos e a gestão democrática.

Por isso, havemos de ser convictos ao nos assumirmos a favor da ética humana e não a ética do mercado. Processo esse, importantíssimo pois, através dele, chamaremos as pessoas a refletirem, a participarem a interferirem, a se compromissarem com o processo de mudança.

Esta reflexão aqui feita não é restrita aos espaços escolares, mas sim, a todos e a todas que comungam a idéia de um mundo mais humano, com menos injustiça, onde o processo de participação das gentes seja consolidado, o exercício da cidadania seja consciente e a democracia alcançada.

Esta reflexão é também uma reflexão minha do quanto participei, do quanto falei, do quanto silencieei, da cultura que ajudei a construir, da cultura que me construiu, da cultura que estou construindo, do meu compromisso, do meu descompromisso, das relações que estabeleci.

O fato de, os cursos de formação, serem um espaço privilegiado, onde de fato se confrontam as idéias com as vivências cotidianas não basta, é necessário que os educadores, além de terem consciência de que estão interagindo com a cultura, comprometam-se com o processo de mudança para um sociedade menos injusta, mais humana, mais solidária e mais democrática, não buscando teorias para serem aplicadas em

suas escolas, mas apreendendo conceitos para serem usados em suas vidas e experienciando as novas construções em sua convivência.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Poética. 2ª ed., 1994.
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre. Imagens e auto-imagens**. 6ª ed., - Petrópolis. RJ: Vozes, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De angicos a ausentes: quarenta anos de educação popular**. Porto Alegre: MOVA-RS; CORAG, 2001.
- BRUNER, J. **A cultura da Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo, ed. UNESP, 1999.
- CONSTITUIÇÃO, República Federativa do Brasil. Editora Saraiva. 26ª ed., 2000.
- EDUCAÇÃO, Cultura e Resistência: uma abordagem terceiomundista**/Balduino Antônio Andreola... [et.al.] Santa Maria: ed. Pallotti/ITEPA/EST, 2002.
- ENGERS, Maria Emília Amaral (org) **Paradigmas e Metodologias em Educação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- FERREIRA, Naura e AGUIAR, Márcia A. da S. **Gestão da Educação. Impasses, perspectivas e compromissos**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- _____. FAUNDES, Antônio. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 3ª ed.
- _____. , Betto, Frei. **Essa escola chamada vida**. 5 ed., Editora Ática S.A., São Paulo, 1987.
- _____. **Educação e Mudança**. 15ª ed., Paz e Terra. 1989.
- _____. **Pedagogia da Esperança: Um encontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. **A importância do ato de ler**. 32ª ed., São Paulo, Cortez, 1992.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 8ª ed., 1998.
- _____. **Ética, utopia e educação**/Danilo R. Streck (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª ed., 2000.
- _____. SHOR, Ira. **Medo e Ousadia – O cotidiano do professor**. Tradução de Adriana Lopes; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, 8ª ed.
- _____. **Educação na Cidade**. Prefácio de Moacir Gadotti e Carlos Alberto Torres: notas de Vicente Chel. 4ª ed., São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. **Pedagogia da Indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.
- GRUNWALDT, Ingedorg S. **Pesquisa Etnográfica Aplicada à Educação: uma revisão**. Educação, Porto Alegre, Ano IX, nº 10, 1986, p. 117-137.
- IBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2001.
- LDB, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9.394/1996.
- LIBÂNIO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola. Teoria e prática**. 3ª ed., Goiânia. Alternativa. 2001.
- LIMA, Licínio C. **Organização Escolar e democracia radical. Paulo Freire e a governação democrática da escola pública**. São Paulo. Cortez. v. n. 4. 2000.
- LINS, Daniel S. (org.). **Cultura e Subjetividade: Saberes Nômades**. Campinas SP: Papirus, 1997.
- NÓVOA, Antônio. **Professor se forma na escola**. Revista Nova Escola. ed.142, 2001.
- SACRISTÁN, Gimeno. J. **Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SILVA, Luiz Eron da. **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Sulina, 1996.
- TORRES, Carlos Alberto. **Educação, poder e biografia pessoal: diálogos com educadores críticos**; trad. Maria Rita Secco Hofmeister. – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.